

# A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

## PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAINE

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e remessas  
avulsas em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua  
de Atalaia, Lisboa; e no Brasil, ao sr. José de  
Mello, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.  
*Prix du numéro à Paris, 1 franc.*

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 18

PARIS 20 DE SETEMBRO DE 1890

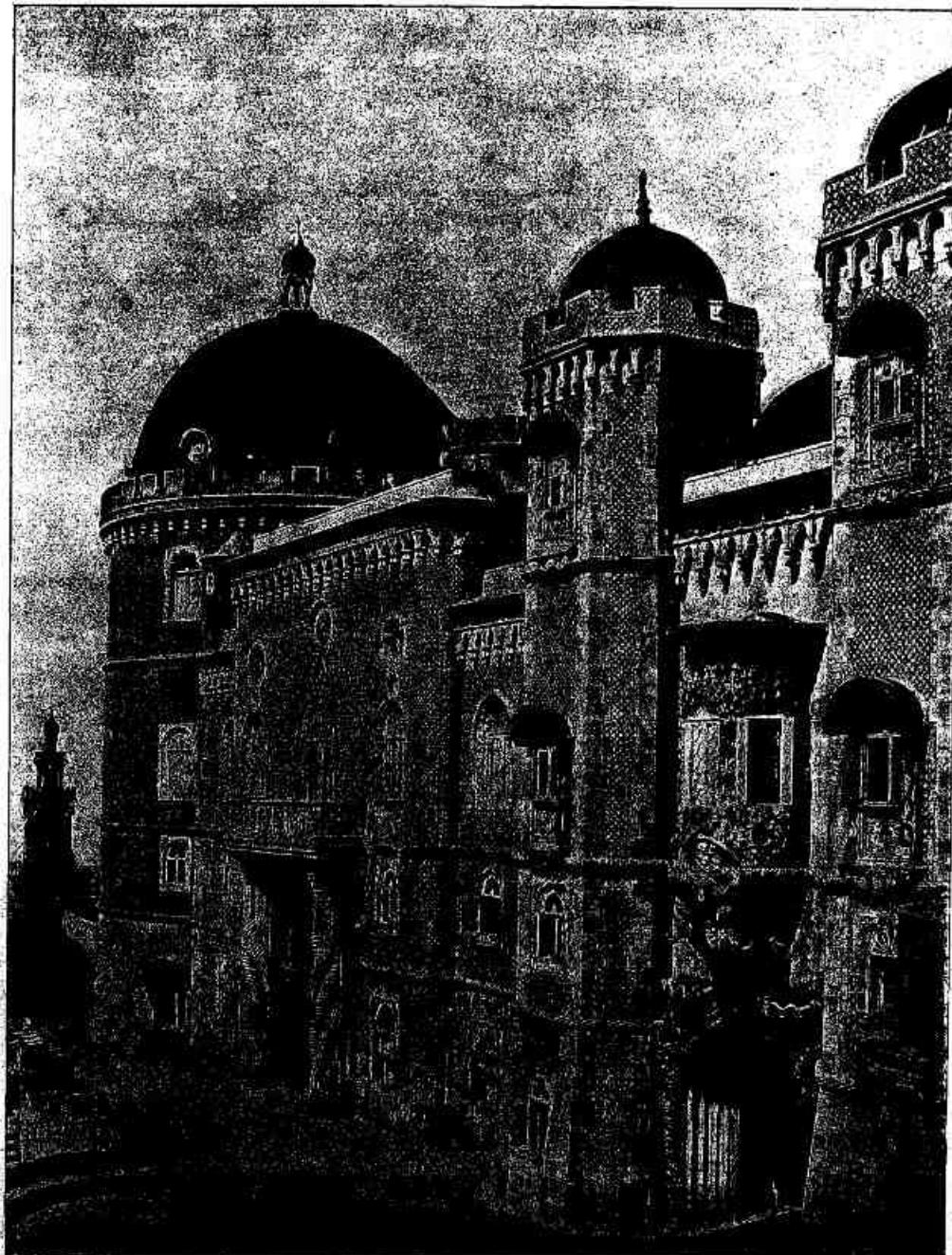
Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

## PORUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAIA, LISBOA

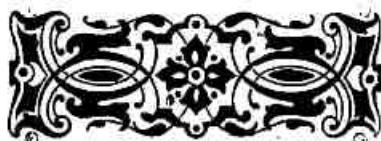
### ASSIGNATURAS :

ANNO.....	2.100 REIS
BIMESTRE.....	1.200 —
TRIMESTRE.....	400 —
ANUÁL.....	100 —



PORTUGAL PITTORESCO. — O CASTELLO DA PENA, EM SINTRA.

(Entrada principal.)



## CHRONICA

### A NOSSA DECADENCIA

**E**U pegue licença para estar em absoluto desacordado com os jornalistas e com os oradores do meu paiz que, a propósito do offensivo ultimatum e do insolente trânsito anglo-português — andam a gritar por toda a parte que isto é um paiz decadente, que isto é um paiz perdido!

Decadente, porque?... Perdido, por que motivo?...

Porque lord Salisbury nos arrouou umarotearia no interior de Moçambique, para depois nos mandar um ultimatum e nos meter medo com os seus couraçados?...

Porque o sr. Hintze Ribeiro, em vez de apelar para as potências e recusar quaisquer transações com quem queria negociar com-nos ameaçando-nos — foi d'um cox leger implorar negociações com o primeiro ministro da Sua Desgraciosa Magestade?...

É por isso que nós somos um povo decadente? É por isso que somos um paiz perdido?...

Credo que é exagerar demasiadamente a situação.

Nem o paiz é o culpado de que ao ultimatum o governo não respondesse com outro ultimatum; nem o paiz tão pouco está perdido porque o sr. Hintze Ribeiro aceitou no tratado imposições que só um paiz aceita depois de vencido nos campos de batalha.

Paiz decadente e perdido seria aquelle onde os soldados se recusassem a marchar para diante do inimigo, e onde não aparecesse para oppôr barreiras ao invadir a massa dos homens valentes, morrendo pela integridade da pátria... Fez-se a experiência? Recusou algum português a bater-se?

Diz-me-lão que uma guerra era impossível porque o nosso exercito não está preparado para ella. Mas disso não é culpado o paiz, nem por isso se pode afirmar que elle esteja decadente.

O paiz cumpre com os seus deveres pagando os impostos. No orçamento da guerra há uma verba anual de cerca de 5:000 contos. Se esse dinheirinho não serve para preparar o exercito para o combate, e se é destinado a outros fins ocultos, quem são os culpados? Todos os governos que tem considerado questão secundária a defesa da pátria, e por consequência todos os partidos e todos os homens de governo! São esses os decadentes, são esses os perdidos, e nomeu o paiz, nunca a nação?

Não gritem os pessimistas Decadencia! porque o paiz não pegou em armas no dia 11 de Janeiro de 1890... Gritam contra os governos que nos temem andando illudir com a existencia dum exercito que não existe, que é uma ficção, um pretexto para se gastarem por anno 5:000 contos de réis, não se sabe como...

O paiz está perdido porque se não revoltou contra o tratado de 20 de agosto?...

Mas o que queriam os sr.s pessimistas que o paiz fizesse?... Que os cidadãos viesssem para o

meio da rua, e se assassinasssem os ministros, e se assassinasssem as autoridades, e 4 milhões d'indivíduos se entregassem a uma fera e desdenhada anarchia?...

Tudo isso são manifesitações grossas e odiosas, que não significam nem brío, nem patriotismo, nem valor.

Não é o paiz que está perdido, porque a revolução não veio para a rua, — mas sim o governo que procura entrar em negociações amigáveis com quem nos havia insultado, e que aceita um tratado no qual a Inglaterra estipula que nós nunca podermos dispor das nossas colônias sem o seu prévio — CONSENTO!...

Representa por acaso o sr. Hintze Ribeiro a vontade do paiz, e é por acaso S. Exc.<sup>a</sup> a expressão do brio, da coragem, dos sentimentos... dos portugueses?... Decerto que não.

O sr. Hintze é um ministro d'acaso, escolhido para resolver uma pendenga gravíssima para o futuro do nosso paiz, com a levianidade com que todos os fazedores de gabinetes costumam escolher o seu pessoal ministerial.

Vamos a ver se o homem dali conui do recaido? — disseram os seus colegas no darem-lhe a pasta dos estrangeiros, que era n'aquelle momento a pasta ingrata.

E como o sr. Hintze é uma vítima da sua vaidade, aceitou de braços abertos a pasta... E por que não?... Que melhor occasião para um vaidoso?... Entrar em negociações com o grande Salisbury, no momento em que Salisbury também estava negociando questões africanas com o chanceller do império alemão e com o ministro dos estrangeiros de França!...

Que occasião para se arranjar uma celebração europeia e um nome para passar à história! E de que modo! E que trez!... Caprivi — Ribot — e Hintze Ribeiro!... Não havia remedio senão aceitar — e negociar!

E o paiz que está perdido — ou foi o sr. Hintze que nos perdeu?...

Nem o paiz está perdido, nem o paiz está decadente — perdido e decadente só veio a politica e os políticos.

Um paiz não é como um individuo que ao cabo de sessenta annos tem a sua vida finja e bem finda. Há sessenta annos, com as guerras do período liberal, os portugueses deram provas de que não eram uma nação morta ou impotente.

Gumba a batatilha da liberdade — palavra que é bom não confundir com a palavra liberalismo — com uma energia e uma coragem verdadeiramente heroicas, o paiz voltou á sua tranquilidade, ao seu sosiego habitual e tradicional, ocupando-se da lavoura, da pesca, e d'alguns ramos d'industria nacional ou importada do estrangeiro.

Quanto à política, deixou isso aos sabichões e aos palavrões da Universidade de Coimbra, que é para isso que elles se fazem bacalhau.

De 34 para baixo, nós nunca precisámos mostrar a nossa energia. Para quê?... No reino não tornou a haver mais nenhum usurpador. De fôra ninguém nos veio incomodar. Não houve fomes, não houve miséria. O único mal eram os impostos; porque mesmo a politiquice, isso era uma causa á entre elles, nos correddores e nas salas de S. Bento...

D'aqui resultou que o paiz foi illudido na sua boa fé, depositando confiança para a gerencia dos negócios do Estado em quem a não merecia.

Os partidos só pensaram nos interesses dos alinhados. No tocante a instrução é o que nós sabemos. No tocante a colonias, nem é bom falar em semelhante vergonha: as colonias só serviam para os vadios, os ineptos e os arruinados da capital, sem faltar nos degredados.

Hoje vemo-nos a braços com um terrível problema colonial; e por causa do desleixo governativo as nossas colonias em risco de serem expropriadas por utilidade publica, internacional e europeia...

E o paiz que está decadente?... E o paiz que está perdido?...

Alto lá, senhores pessimistas! Alto lá, senhores governantes!...

Decadentes, perdidos e bem perdidos para a nação e para a historia, estão os partidos que não souberam governar os negócios que lhes foram confiados, que não souberam prever o que se passaria fatalmente em África, para que as nossas colonias estivessem ao abrigo da cubija estrangeira...

Nem o paiz está decadente, nem o paiz está perdido!

O extracto do tratado foi o primeiro signal de alarme. A publicação do tratado in extenso onde havia cousas ainda mais offensivas do brio nacional, acabou de nos provar que elles, os governantes, são incapazes de nos governar.

E no momento em que escrevo estas linhas laves em todo o paiz um sentimento de revolta que, longe de ser um signal de decadência, é um signal de confiança no futuro.

Ha males que vem por bem. Se tivermos de perder Moçambique, lembremo-nos de que a França, também por muito domir, perdeu a Alsácia e a Lorena.

E lembremo-nos de que a França accordou, e de que a França se tornou forte com a offensa que foi feita ao brio nacional.

Perdidos estão os nossos governantes! Quanto à nação portuguesa, essa temeu a firme convicção de que ha de acabar com todos os desleixos e com todas as incurias — começando vida nova.

A velha escola política em que se educaram o sr. Hintze eo sr. Barjona, acaba de soltar o ultimo alento. Ainda bem, e maos á obra!

Que os novos saibam agora conservar-se firmes no seu posto — e marchar para a frente, implacaveis, sem dó e sem piedade com os verdaeiros decadentes!

MARIANO PINA.

## ANTHROLOGIA PORTUGUEZA

Meu ser evaporo na lida insana  
Do trapal das paixões que me arrastava;  
Ah, cego, eu criei! ah, misero, eu sonhava  
Em mim quasi imortal a essênciâ humana.

De que innumeros sois a mente usana  
Existem aí fallaz me não dourava!  
Mas eis succumbre natureza escrava  
Ao mal, que a vida em sua origâ damna.

Prazeres, socios meus e meus tyrannos,  
Esta alma, que sedenta em si não coube  
No abysmo vos sumiu dos desenganos!

Deos! oh Deos!... Quando a morte láz me roube,  
Ganho um momento o que perdiam annos,  
Saiba morrer o que viver não soube!

Bacare.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### CINTRA. — ENTRADA DO CASTELLO DA PENA

A nossa gravura representa a entrada do magnífico castelo da Pena, construído no topo alto das montanhas de Sintra pelo falecido rei Fernando II, avô de S. M. o sr. D. Carlos I.

No topo do castelo da Pena havia as ruínas dum velho convento — o convento da Peninha — fundado em 1503 por D. Manuel, para os frades jerónimos.

O rei D. Fernando comprou as ruínas da Peninha assim como do castelo dos muarins, em 1838, por vinte e cinco reis, — e não valia mais, diz Pinto Leal, em vista do miserável estado em que tudo estava.

O convento foi transformado no decorrer dos annos nesse castelo fidalgo, tão gracioso e tão pitoresco, que mal parece uma fantasia medieval d'algum poeta ou d'algum artista encravado como Gustavo Doré.

O castelo da Pena não será uma obra-prima de arquitectura, por muitas mi-tarduras de estilos que lhe não dão aquele encanto d'arte como por exemplo o castelo de Pierrelonds.

Mes é uma caprichosa e deliciosa phantasia, que nos encanta e nos deslumbra, — e que nos faz lembrar com saudade da nobre figura do sympathético rei que só tinha olhos para a sua Juin de Sintra.

Depois da morte do sr. D. Fernando, o Estado comprou o castelo da Pena para o officeuar à coroa de Portugal. Assim devia ser, porque esse castelo não podia existir em mãos de particulares, e só podia ter dois fins — ou vivenda real, ou museu.

Mas o que também é preciso é que o governo escolha um artista para conservador do castelo, e ao qual devem ser submettidas quaisquer alterações, decorações ou melhoramentos que ali se queiram fazer.

### AS VELHAS NA SALPETRIÉRE

Todos os nossos leitores conhecem, pelo menos de nome, o hospital da Salpetriére de Paris, onde são recolhidas as mulheres hystericas, e onde leciona o ilustre Dr. Charcot.

E nas salas da Salpetriére que o famoso médico francês tem feito as suas experiências de hypnotismo e de sugestão, que de tanto admiração e de tanta crítica tem sido objecto em todo o mundo científico.

Hoje, por toda a parte, só se fala em sugestão e em hypnotismo, e a tal ponto que até amadores profanos e ignorantes se tem permitido ensaios por sua conta e risco, como so isto de *hypnotismo* fosse uma distração para pessoas sem trabalho, como a photographia ou a pesca à alinhau. Para estes amadores, que também os há em Lisboa, só ha uma causa a fazer — chamar a atenção da polícia.

O nosso colaborador Vierge, que frequentou muito a Salpetriére, onde sofreu um tratamento electroterapico por causa de paralisia que ha annos o atacou — mostra-nos hoje um aspecto dos mais curiosos da Salpetriére, o comportamento das velhas hystericas à hora em que toca a sinete para o jantar.

Parece que vemos desfilar na nossa frente um cortejo de velhas bruchas saídas d'algum conto phantastico.

Tal é o aspecto destas criaturas em tratamento na Salpetriére, e com as quais o Dr. Charcot tem feito as mais curiosas e espantosas experiências.

### AS MANOBRAS RUSSAS

No momento em que a cavalaria francesa abandona definitivamente a lança, é interessante estudar os esforços dos diferentes países para utilizar esta arma d'um modo eficaz.

Foi em seguida às manobras nas proximidades de Belfort, que o sr. de Freycinet, ministro da guerra em França, d'accordo com o conselho su-

porlor de guerra, decidiu a supressão completa da lança na cavalaria.

Um regimento de dragões, encarregado da defesa d'uma passagem, só pode servir-se de 240 cavalarinas, enquanto os outros homens armados de lança ficaram espectadores inutis. A experiência era concludente e, para não immobilizar a metade descessivos da cavalaria, ficou decidido substituir a lança pela carabina em todos os regimentos de dragões que estavam em armas, e de si lhes deixar a lança no serviço de praça.

Contudo, podemos perguntar porque razão não seguiram o exemplo os países onde a cavalaria é excellente, e que armam os seus lanceiros ou os seus ulianos com carabina e lança simultaneamente.

No Allemânia, por exemplo, os ulianos e os couraceiros usam da carabina assim como os dragões, e podem ser empregados no tiro quando a arma branca se torna inútil.

A Russia também procura modif. a sua tactica. O nosso desenho representa uma carga de cavalaristas ou seu soi lisa.

Esta manobra foi ensaiada no campo de Krasnoi Selos. Consiste em estender os esquadros n'uma linha, espalhados d'uns cento metros uns dos outros, de maneira a oferecer pouca vantagem ao fogo da infantaria e a permitir aos lanceiros de se servirem o voltado da sua arma.

Como se fez ultimamente na cavalaria francesa, só a primeira fila está armada com a lança. O que não impede de levar a carabina e de fazer o serviço de dragões, e mesmo da infantaria, porque a espingarda russa de cavalaria está arranjada de maneira a receber uma balalet.

O que é certo, é que o cossaco é e será ainda por muito tempo o tipo do cavalleiro ligeiro. A sua soberbia e o vigor do seu cavalo só são equalizados pela sua bravura e presteza, e sente-se uma grande satisfação ao ver manobrar eses magnificos cavaleiros que, talvez um dia, combatam ao lado dos cavaleiros franceses, livrando a Europa do jugo dos exercitos alemães.

### BELLAS-ARTES. — A CAMPONEZA

Offrecemos hoje uns nossos leitores mais uma bela pagina da moderna escola i' accessa, soberba pagina da vida dos campos p'ritada por Jules Breton, e transportada para o noso i' revista pelo m'rrilho buril do nosso notavel gravador Ch. Baude.

Este quadro obteve um extraordinario sucesso no Salão de Paris, quando allí apareceu em 1887.

A maneira simples e larga do grande artista afirma-se muito particularmente n'esta ob. a, e a visita é deslumbrada pela sua dia de aspectos, pela harmonia das cores e por uma sobriedade de execução que só se encontra nos mestres.

Esta poetica composição bem merecia um lugar de honra na nossa galeria de bellas-artes. Estamos certos que será recebida p' os editores da ILLUSTRAÇÃO, com o meu prazer com que tem sido recebidas as muitas obras p' mas cuja posse lhes temos proporcionado.

A ILLUSTRAÇÃO tem procurado constantemente p' o publico do Portugal e do Brazil ao corrente das grandes manifestações d'arte n'este seculo, — e parece-nos que tem cumprido religiosamente o programma que se impôs.

### PARIS NO VERÃO. — CAFÉS CONCERTOS

O nosso colaborador Adrien Marie mostra-nos hoje, numa pagina admiravelmente comprehensiva, os reis e as rainhas da cançoneta francesa, que todas as noites são a alegria de Paris, nos cafés concertos ou ar livre dos Campos-Elyseos.

Chorae e saudade vós todos que uma vez na vida haverás podido saborear as alegrias d'uma noite no Alcazar ou nos Ambassadeurs.

Chorus todos! de saudade e mais de tristeza! Porque essa hora de alegria o de bom humor, no verão, nas noites calidas de agosto e setembro, só se encontra n'esse palmo do terra que ficou entre o Arco de Triunfo e a Praça da Concordia...

Podem correr à vontade toda essa Europa, e mais as duas Américas, e ate a África em todas as direcções, que a cançoneta só ali a encontram e só ali se pode ouvir, — essa cançoneta contra a qual tanto tem pregado os moralistas, mas que

só alegremente nos nossos ouvidos, arrancando-nos por um momento à monotonia e às tristezas da vida.

Viva a cançoneta! E vivam as lindas parisenses que as cantam!

Adrien Marie esconde o seu lápis ate ao Jardim de París, e também nos oferece um engrax da Gougue, a famosa cançoneira das bailes públicos de Paris... Que os leitores pacientem fecham os olhos!... Que a Gougue está na attitud de levantar a perna... Alguma cousa de extraordinário se vai agora passar!

### MEZES ILLUSTRADOS. — SETEMBRO

O nosso colaborador Habert-Dys continua hoje com esta regularidade que multo nos penhora, apresentar dos numerosos trabalhos que o rodeiam, a sua encantadora série dos mezes illustrados.

O mez de setembro é mais uma pagão adorável, trazendo com o sentimento e a graciosa poesia que tanto tem distinguído estas suas composições.

### POSSESSÕES FRANCEZAS EM ÁFRICA

No pendencia colonial havide há pouco entre a França e a Inglaterra, essa reconhece o protetorado francês de Madagascar, assim como admittiu a influencia francesa nas regiões do norte africano, ligando as colônias mediterraneas com o Senegal.

Publicada a carta approximativa das novas possessões francesas no norte africano oficialmente reconhecidas pela Inglaterra — temos por fim mostrar aos nossos leitores como a Inglaterra tudo reconhece é tudo admitté quando um paiz lhe falla com altivez.

Em Portugal não sucede o mesmo; temos ministros que querem transigir com a insolência britânica, que não protestaram perante a Europa contra a exploração de que fomos victimas; e abri está como chegámos a esse vergonhoso tratado de 20 de agosto, que não é só o approbrio d'un partido... mas até a vergonha d'un paiz.



## A LENDA DO ELEPHANTE BRANCO

**N**o anno passado, lord N., resolveu oferecer no Zoological Garden um verdadeiro elephante branco. Phantasia ed fidalgio millionário.

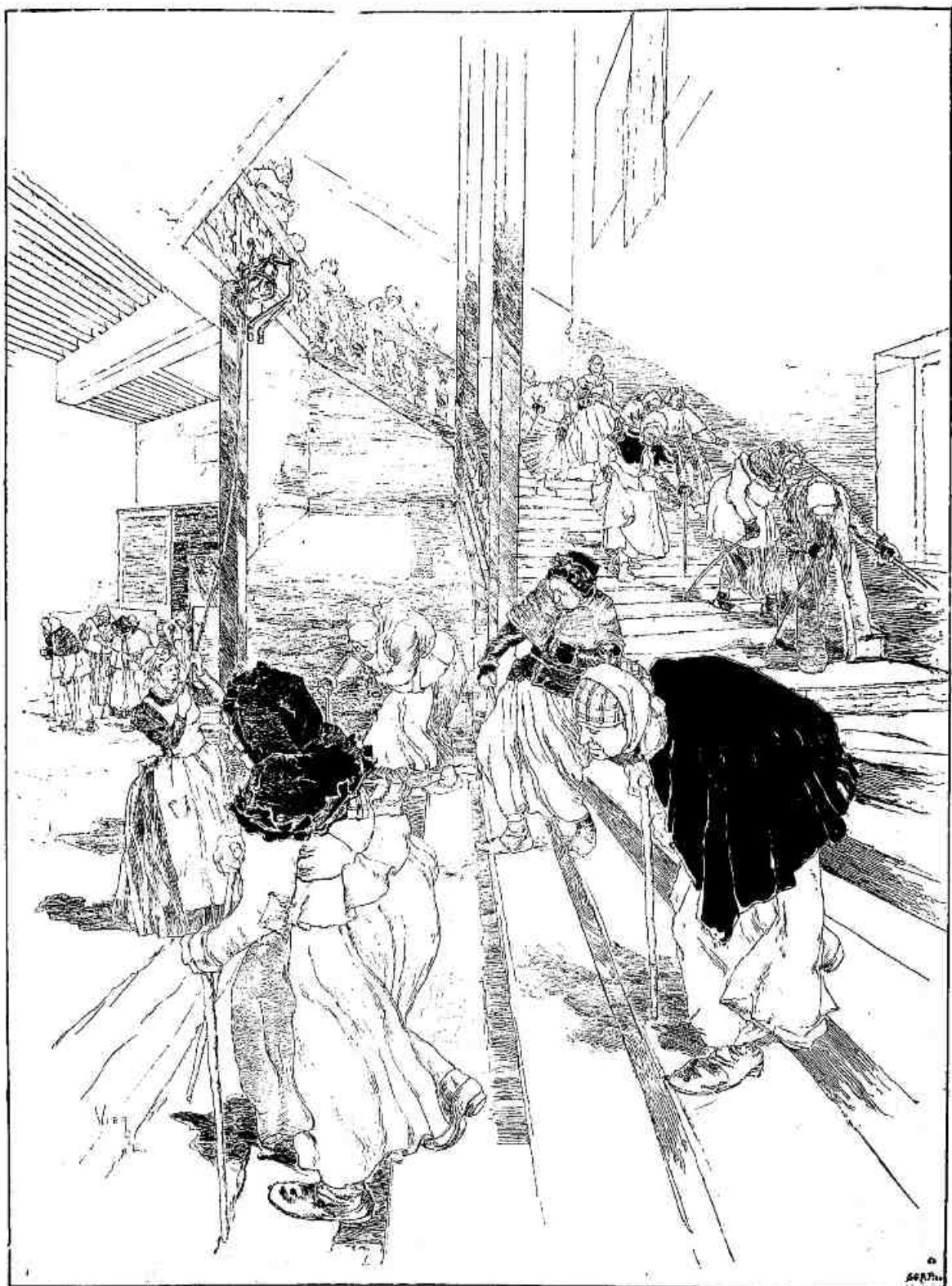
Londres acabava de adquirir, com grandes despesas, um elephante pardo, semeado de manchas rosadas; mas este pretendido ídolo inde-chines era de qualidade duvidosa, no dizer dos experientes. Segundo estes, o principe birmano que, a troco d'un milhão, o cedera ao experio Barnum, devia, para vender mais caro o animal, de fingir o surrilégio d'aquelle tráfico... ou antes, se o Zoological Garden tivesse concedido só a metade d'aquelle preço, o famoso *puffat* devia ainda assim estar, com certeza, muitas vezes indemnizado dos seus verdadeiros desembolsos.

Effectivamente, se, em muitas paragens da Ásia sepietrial, um pachyderme d'aquelle especie mais que rara está revestido do caracter sagrado que lhe confere um valor soberano, diz-se isso apenas no caso em que não desporte sendo a purissima idéa d'uma ambulância e in-tacu « colline de neve ».

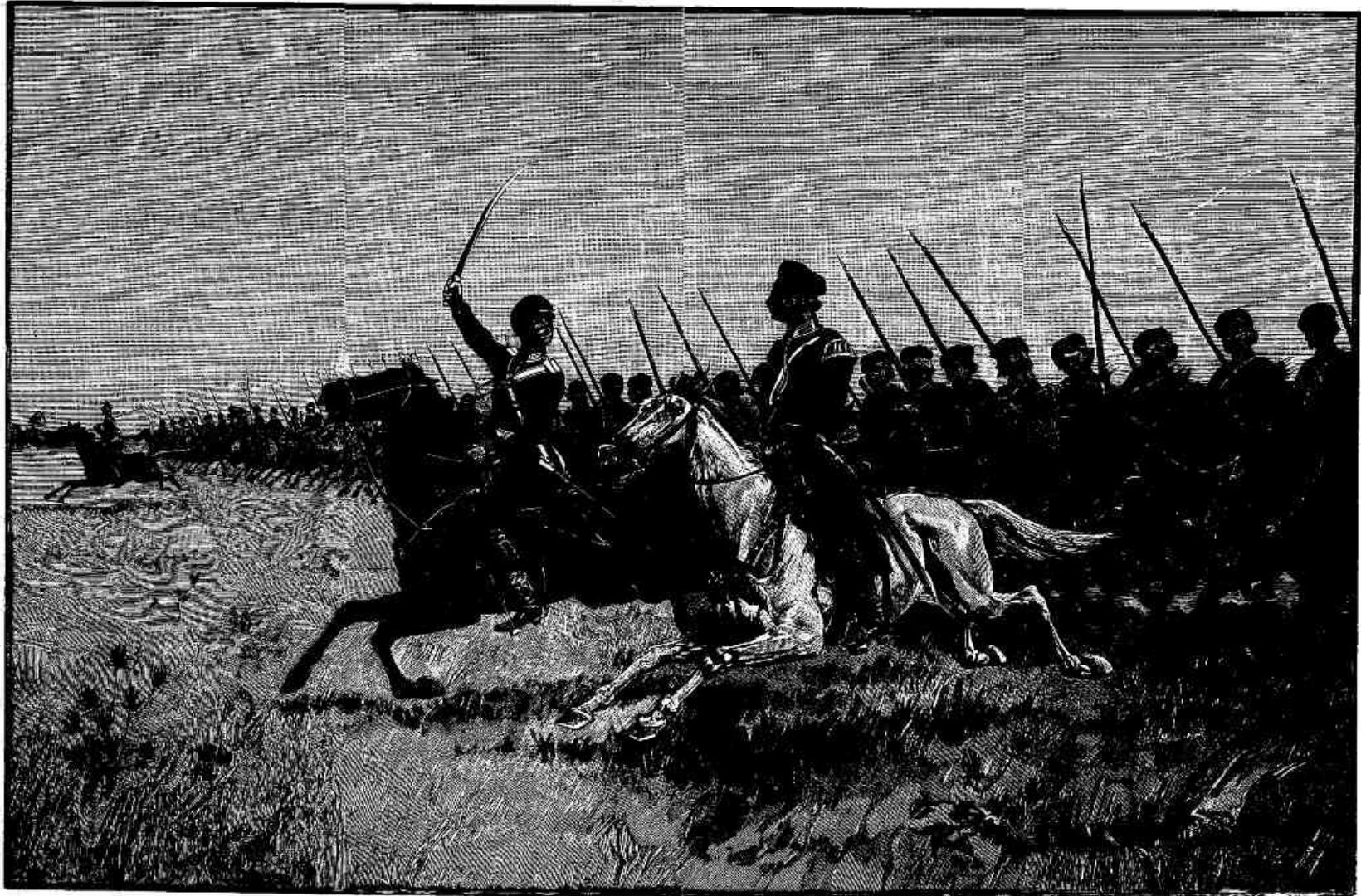
Os elephantes de cor mal definida, ou manchados por mais d'uma cor, não tem mais do que as horas d'uma superstição, para não dizer completamente nulla.

Portanto lord W..., por orgulho nacional, concebeu, para acabar com todas as duvidas, o intento de enriquecer a Inglaterra (mas d'esta vez incontestavelmente) dando-lhe o verdadeiro animal augusto.

A idéa fôr-lhe sugerida pela secreta confidencia d'um grande viajante, seu amigo. Este explorador arrojado, arriscara-se, durante lon-



HÓSPITAIS DE PARIS. — A HORA DO JANTAR NA SALPÉTRIERE. — COMPARTIMENTO DAS VELHAS.



RUSSIA. — AS GRANDES MANOBRA. — NOVA TACTICA DA CAVALLARIA COSSACA.

gos annos, a ir ao fundo de misteriosas florestas banhadas pelo Nilo birmano, de nascentes turbinas, o Zrawadi. — Ora, afirmava elle, que no decurso das suas explorações pelas cidades perdidas, pelas ruinas mortas dos templos, pelos rios, pelos luminosos valles do Minnapore, sucedera-lhe, n'uma formosa noite, entrever, — no luzir d'uma claridade pouco distante d'uma velha cidade santa, — o mystico elephante branco, cuja cér se confundiu com o luar, acompanhado por hierático mahout que ia cantando orações. — N'um mappa especial estava marcado, perto de 22.<sup>o</sup> grau de latitude, a assentada cidade em cujos arredores o viajante viu insólita aparição.

O projecto alliado pelo nobre Inglez apresentava diversas dificuldades de execução. Com tudo tendo chamado o illusorio domador Mayeris e tendo-lhe mostrado o mappa e a nomenclatura dos perigos inherentes à empreza, ofereceu-lhe, fóra as despezas da viagem d'elle e dos seus companheiros, a quantia de 100,000 libras, se, conseguindo apanhar e conduzir até ao mar, através as povoações birmanas, o elephante designado, o audacioso domador lh'a entregasse no Tamisa, « posto no caes », para o *Zoological Garden*.

Mayeris, depois d'um instante de silêncio, aceitou.

Assim que teve o contrato na algibeira, alguns dias lhe bastaram para juntar meia duzia de aventureiros do sangue-frio e experiência a toda a prova. Depois, como homem pratico, tendo pensado que, para fazer passar através as armadilhas extensões d'um tal paiz, um elephante branco, era, antes de tudo, indispensável *tungil-o*, o domador procurou que tinta poderia resistir melhor ás intempéries eventuais, e acabou por arranjar, muito simplesmente, alguns barris de Água para tingir a barba e os cabelllos, mais em voga na gente».

Cerca de tres meses depois, da partida Mayeris e os seus companheiros, chegados havia muito tempo á Ásia, tinham subido o Sîrung, n'uma jangada construída já para o rupto que se propunham realizar. A' força de deseza e de bons uscos tinham chegado, atravessando solidões, a algumas milhas da velha cidade sacerdotal, mareada no mappa.

Para justificarem a sua presença e conquistarem olhares favoráveis, tinham começado, como simples caçadores de peles, por destruir um casal d'aqueles grandes tigres longibandas que, com o rhinoceronte, terrorizaram estas regiões. Depois aproveitando-se das sympathias que esta brilhante estreia atrairia sobre elles, tinham sabido espiar, distruídamente, os costumes, na floresta, do elephante branco e do seu mahout; tinham até conquistado, em diversas ocasiões alguma sympathia d'um e d'outro, por signes de veneração e presentes. Portanto, no dia em que Mayeris julgou que chegaria o momento opportuno, tendo tomado todos os precauções, dispôs os seus homens para a emboscada.

A clariceira onde estavam de mataya, não longe do rio onde o elephante vinha beber a claridade dos astros, era quasi sempre deserta, sobretudo á noite. Atarvez as largas folhas e os ramos pendentes das árvores gigantescas, das manguiiras, das paúneiras, os aventureiros viam, ao longe, as cúpulas de estrellares dobras, as flechas dos templos, os marmores das torres da cidade consagrada ao eterno Gadam-Boudha. E, d'aquelle vez, o maravilhoso da visão pareceu-lhes ameaçador! Antiga propriedade popular do paiz succulai, como um archeote, no fundo das suas memorias, a sua chama supersticiosa: « No dia em que outros poussem, entre elles, um elephante branco da Birmania, o imperio estaria perdido. » A tentativa resolvida pareceu-lhes poiso, n'aquelle momento tão perigosa e tão cheia de sombrias ameaças, que, apesar de todo o seu sangue-frio, juraram em voz baixa fazer-se mutuamente a esmola

d'uma morte rapida, no caso de se verem descobertos e cercados. — para não cahirem vivos nas mãos cruéis dos adoradores do branco idolo. Para maior precaução, tendo untado com óleo mineral muitas das árvores proximas, estavam preparados para ditar fogo ao bosque á primeira signal.

Perto da meia noite, a psalmodia monotonâ do *mahout* ergueu-se, primeiro longiqua, depois mais proxima, compassada pelas pesadas passadas do ídolo. Em breve a homem e o magestuoso animal apareceram, dirigindo-se para o rio. — Mayeris que, até então, estava encostado a um baobab cuja sombra o protegia, deu alguns passos na clariceira. O encontro com o domador, habitável n'aquele lugar solitário, não podia despertar nenhuma desconfiança: quem ousaria sonhar a terrível extravagância que elle meditava?... Tendo trocado com *mahout* um leuval desejo de boa noite, chegou-se Mayeris para o animal, que acurciou com a mão, ao mesmo tempo que fazia notar ao *mahout* a beleza do céu.

No momento em que o elephante se inclinava para o rio, um dos caçadores, erguendo-se do meio das altas ervas, colou-lhe, para o insensibilizar, e com a rapidez do relâmpago — as molas d'aco d'uma bomba de chlorotormio na extremidade da ironha. O animal, sublocado n'um instante, queimado, atordoado, agitava em vão para todos os lados sua proboscidea, brandindo e sacudindo, ao acaso, a asfixiante mas temer bomba: a aspiração de cada esforço ainda mais o entorpecia. O piedoso conductor, sentindo-o vacilar, saiu finalmente do seu estase e quis saltar para o chão: foi aqui recebido por Mayeris e por um dos seus que, n'um abriu a fechar d'olhos, o aterram e amordacaram, enquanto os outros escoravam da direita e da esquerda, com fortes troncos d'árbusitos, o elephante agora comatoso e mais que meio desfalecido.

Arrancada rapidamente a bomba, tiraram-lhe da curvatura das defezas, os ornamentos d'ouro, os braceletes de pedrarias com que as mulheres da cidade o tinham sobrecarregado e abriram os barris: quatorze braços expeditos poseram-se então a untar-n-o, de cauda ate ás largas orelhas, imbebendo n'uma dupla camada de penetrante líquido ate as ultimas dobras da tromba.

Dez minutos depois, o elephante sagrado, completamente transformado com excepção das mafins, tornara-se prato.

Aproveitaram-se do momento psicológico em que o animal parecia voltar a si para o atrevirem, ducil, para a jangada. Apenas elle ali pôs os pés, prenderam-lhos com grossas cadeias de ferro. Armaram á pressa uma barricada de panno para o cobrir; deixaram o *mahout* n'uma cana de folhas, desataram as amarras e *sor erer*. Ao amanhecer estavam a vinte leguas de distancia. Dois dias mais e estavam livres de qualquer perseguição. Para se distrairem retocaram o elephante, cujo entorpecimento ainda não se dissipara de todo. O *Mahout* morrera de terror. Ataram-lhe uma pedra co pescoco e afiraram-no á agua, na noite seguinte.

Finalmente chegaram Mayeris e os seus. Eram esperados. A apparente negrura do elephante impressionava, mas os officiaes ingleses guardaram segredo, e d'esta vez foi com uma bala escotita que alcançaram o mar, onde embarcaram a enorme presa no navio, que os esperava havia já duas lues.

Ao chegar ao Tamisa, embandeirou-se o noivo. — Vitoria! God protest old England! — Um colossal *tender* do *railway* suburbano transportou o animal para o *Zoological Garden*, Lord W... chamado por telegramma, já ali estava com o director.

— Aqui está o elephante branco! exclamou Mayeris, radiante: — Milord, faça favor de me entregar o prometido cheque sobre o Banco de Inglaterra...

Houve um momento do silêncio, bem natu-

ral, deante da sombria physionomia do animal.

— Mas, — mas o seu elephante branco é preto... acabei por murmurar o director.

— Isso não quer dizer nada! respondeu, sorrindo o domador. E' que somos obrigadas a tingi-lo para o roubar.

— Então faça favor de o distinguir! replicou lord W... porque a verdade é quo não podemos proclamar braaco o que é preto.

— No dia seguinte. Voltou com os chímicos necessarios, para se dar começo sem demora á operação.

Aquelles poseram-se então a esfregar logo com poderosos reagentes o desgraçado pachiderme, que, voltando-se para a direita e para a esquerda, parecia perguntar a si mesmo com inquietação: « Que diabo me querem estes homens com as suas esfregadias continuas? »

Mas os acidos da tinta inicial tinham penetrado profundamente no espesso tecido cutaneo do proboscideo, de forma que combinando-se com os acidos, os reagentes, aplicados sem methodo, produziram um resultado inesperado. Em vez de tomar a sua primitiva cér, o elephante tornava-se verde, cér de laranja, azul celeste, violeta, vermelho... — papo de pombo, — reluzia e passava por todas as cores do arco iris. A tromba, — semelhante ao pavilhão multicolor d'uma nação desconhecida, — pendia, immovel, ao lado de uma das suas immensas pernas de cér exótica, — a tal ponto que, n'um momento de admiração, o director maravilhado exclamou:

— Oh! deixem-nos! Por piedade não lhe toquem mais! Que monstro fabuloso! é o elephante camaleão! Com certeza viria gente do fim do mundo para ver este animal das *Mil e uma noites*! Positivamente nunca, nunca, na superficie que ocupamos, se viu um animal d'esta ordem antes d'esto bello dia: — pelo menos, estou muito propenso a acreditar-o.

— Para falar a verdade, senhor, é possivel!.. respondeu lord W... embascado também deante da extraordinaria visão. Mas nos termos do contrato, este senhor deve entregar um elephante branco e não multicolor. O branco, só o branco constitue o valor moral pelo qual eu ofereço cem mil libras. Restituiale pois a sua cér primitiva, senão não pago. Como é que se pode de provar que um tal espetáculo é um elephante branco?

Dizendo isto lord W... saiu...

Mayeris e os seus companheiros olhavam desconsolados para o animal que não queria embranquecer, de subito o domador bateu na testa.

— Sr. director, perguntou elle, de que sexo são os seus elephantes do *Zoological Garden*?

— Só um é do sexo feminino.

— Muito bem! exclamou Mayeris triunfante cruzamol-os! Esperarei vinte mezes regulamenteiras da gestação. Perante os tribunais, o filho mulato, será a prova da raça branca d'este.

— Seria uma boa ideia, murmurou o director e, acrescentou em tom de chacota, decreto que obtaria um elephante cér de café com leite se não fosse notorio que o elephante captivo recusa vigorosamente a si proprio as alegrias da paternidade.

Fabulas, assim como o seu pretendido pudor, tudo isso são historias.

Alem de que o elephante branco tem outros costumes. Para maior certeza hei-de deixar nos alimentos que derem ainda que o mate os mais violentos aphrodisiacos, e a sorte que decidá.

N'aquelle mesma noite, o domador encantado, estregava as mãos, tendo adquirido a certeza das suas novas esperanças. Em compensação na madrugada seguinte, o descomunal elephante foi achado sem vida na casa dos elephantes. A dose de *chussing* fôrte forte de mais: morrera de amôr.

N'este meio tempo, Mayeris recebeu um *ultimatum* de lord W...

O Inglez participava-lhe pelo ultima vez, que não se reconheceria como devedor do preço do elephante mulato; que ainda assim, reprobando



A ILLUSTRAÇÃO, n.º 11. — 20 de novembro de 1881.

BELLAS-ARTES. — A CAMPONEZA. — QUADRO DE JULES BRETON.

Gravura de Ch. Baude.

o cruzamento desigual provocado, oferecia cinco mil libras de indemnização para absurso o negócio, aconselhando ao domador que fosse buscar outro elefante branco, e que d'esta vez o tivesse menos.

— Como se fosse possível roubar durante a vida dois elefantes brancos! resmungou o domador furioso; pols bem iremos aos tribunais.

Mas tendo-lhe *attorneys* e *solicitors* garantido a perda da sua causa, Mayeris suspirando, contentou-se em nomear um curador do futuro elefantesinho mutato, aceitou as cinco mil libras para os seus homens e saíu de Londres.

Depois quando conta com melancolia, esta aventura — demasiadamente phantastica para ser crível — acrescenta com um estranho timbre de voz onde parecem chasquear não sei que espíritos longínquos:

— Glória, exito, riqueza! Vapor e nuvens! Antes de hontem perdou-se um reino por uma punciada dada com um leque; hontem dissipou-se um imperio por um cumprimento retirubido — tudo depende de nada. Finalmente, não é isto mysterioso? Se a velha predição, se a agourenta ameaça do Deus d'aquelle paiz é digna da fé que inspira a tantos milhões d'homens, porque é que se salvou o imperio birmano, que animal, será amanhã conquistado!...

Porque, é duro dizer o em lugar do me prever levianamente, d'aquella agua fatal para tingir e rapir o Elephante sagrado de Gadama Bouddha, não me lembrei de encher, muito simplesmente, os meus pezados barris de ferro... com uma porção de pó de sapato.

L'ISLE ADAM.



## FELIZES?...

**A**O vel os passar, à tarde, diziam os viúvios: Casadinhos de fresco.

E os dois, lado a lado, braço sobre braço, n'uma doce felicidade de novos, iam-se, invocadas pela gente solteira d'aquele triste dia.

Eram estranhos ali, ninguém os conhecia. As Cabraes, umas tísicas bordideiras de fardas, entanguidos résdos da antiga curiosidade indígena, esfalfavam-se com o desejo de conhecer a vida do casal. Como moravam do lado oposto à casa em que os estranhos habitavam, só quando em vez lá estava uma d'ellas, toda encolhida na sua magresa, friorenta, a cabeça encostada às frestas da gelosia, os olhos em mira. Mas sofriam desilusões. Viviam os dois muito discretamente, sem visita, nem saraus, no egoísmo de um gozo ignorado.

Durante o dia, às vezes as janelas do salão ficavam abertas, para trejar; as abelhudas vinham logo, estendiam os engoludos pescos, farejando novidades, com muitos segredinhos e olhos alerta... e passavam horas, ali assim, roendo-se de raiva, despeitadas, aborrecidas, porque encontravam a interrupção das grandes cortinas rendadas, soltas dos apanhadores. Demais, a criada que os servia era allelã, imperturbável aos comprimentos, espere, secca, uma vassoura; andava sempre às pressas azafrada, o olhar baixo, fitando o lagedo.

Houve um sugestão, amigo das Cabraes, que, vendendo-sabir, em uma tarde, para o passeio costumeiro, disse conhecer a moça. Se lhe não iludira a memória, tinha ella morado, havia sete annos, em Santa Thereza. Por esse tempo era casada, isto é, casada ou não, é o que não podia garantir, mas em todo o caso vivia com

um homem louro que parecia inglez e tinha um filhinho, também louro, muito bonito...

E o caso foi correndo a rua, de casa em casa. Mas Orminda e Leopoldo continuavam a passar ali, todas as tardes, indiferentes à impertinencia dos excessos olhares da vizinhança, lado a lado, braço sobre braço, n'uma doce felicidade de novos.

Na realidade, ella fora casada com um inglez, sir James Motley, da firma Negaw, Lewis e Motley, e d'esse casamento teve um filho, o Eduard. Havia sete annos, Motley, vencido pelo typho, alimentava tranquillamente as floridas rosas, plantadas aos lados de um tumulo de marmore branco, onde, por baixo do seu nome, a piedosa recordação da esposa mandou lavrar um — *Orai por elle*.

Devia ter, então, uns vinte e cinco annos. Não era uma beleza, mas possuía esse estranho poder da sympathia, que mais domina e prende que a classicca pureza das linhas esculturaes. Palida e esbelta, com um vestinho de Senhora das Dóres, deixava sempre longa impressão a quem a notasse.

Brilhavam nos seus grandes olhos castanhos humidades de lagrimas, o quer que fosse de contemplativo e tristonho; mas a sua boca carnuda, rubrinha, como um pouco de fino vermelho em palheta de mármore, dava à sua physionomia certa voluptuosidade, uma melgueira de amor extremoso, gosado muito lenta e decidadamente.

E era sempre com um carinhoso cerrar de palpebras e os labios levemente dilatados, deixando reluzir lá dentro, no vivo queimado da carne, os dentes comprimidos e certos como uma fila de esculpidos pingos de stearina, que fixava as pessoas dignas da sua atenção. Proveu-lhe d'isto a clandestina reputação de... esplêndida.

Quando d'ella se fallava, em rodas de homens, dizia-se: A esplêndida viúva Motley, aquela adorável viúvinha...

Rica e bounta, soube no entanto fugir às tentações de muitos pretendentes, e, com o filhinho, um menino de dez annos, louro d'esse louro esbranquiçado das creanças septentrionianas, foi morar em uma casinha da praia do Flamengo, alegre vivenda de brancas paredes altas, com janelas de gelosia verde-esmeralda.

Uma tarde, às cinco horas, ao fechar a pagina de um romance, deu pela ausencia do filho, Chamou-o, mas Eduard não aparecia. Sentiu um golpe fino no coração; empalideceu, fria e temerosa. Rebuscou-o por toda a casa, inutilmente. A creada asseverava que o virá no jardim, e ella com o coração opprimido, a cabeça doida, desceu as escadas aos tropeços, sem forças quasi. Andou pelo jardim, devairada, lívida, ferindo as mãos e o rosto nos entrelaçamentos grimantes dos rosáceos, nas pequenas touceiras de bambás; e não houve canto que não batesse, assusta, enciumando, ergazando os olhos para ver melhor, mais nitido; abaixando-se, cpendendo-se com a grama dos canteiros, rastejando pelo chão, para olhar de perto, para convencer-se de que elle, o seu filhinho idolatrado não estava ali. E nada. Tudo immuto. N'aquella solidão de pequeno canto de terra plantada, entintecida de seiva, onde arvores levantavam a risonha opulencia de suas copas e, nas galhadas novas, buides entreabriam-se como o prolongamento da vida das flores, já desabrochadas, a sua dor crescia, avolumava-se, disforme, mais dilaceradora, mais aguda, porque era só ella, elle só, quem sentia, quem sofría.

Desanimou; esteve por espaços arquejante, a olhar, idiota, o jardim. Um alquebramento dominava o seu corpo, o coração, que parecia diminuir, batia rapido, fazendo intajar as arterias; veiu-lhe ao larynx a incandescencia de um nó subfocador... Mas era preciso encontrar Eduardo. Sabia para a vizinhança a perguntar pelo filho.

A's negativas havia mais afflita, respirando dificilmente, muito branca, sem sangue, com os olhos cavos, aterrados. A cada pessoa

que chegava, implorava informações, suspensa das palavras que ella dizia, sempre inuteis, desencontradoras sempre.

Algumas vizinhas, condoides da sorte da infeliz, mandaram creudos procurar o menino; outros cercavam-n'a banalmente tranquilizadores. E chegava um dos enviados. Ella corria a seus passos, de mãos postas, quasi sem voz: «Encontrou? Onde?»

Era triste, horrivelmente triste, dizer-lhe: não. Antes mentisse, dássem á sua alma uma esperança, vá que fosse. Mas dizer-lhe: não, de chotre, assim sem piedade, era torturar-lhe o coração ferido. E vieram outros e outros mais dizer-lhe — não, a palavra horrivel. Ja nem sabia el-a que fazer. Ouvia-os, e rojava a cabeça sobre os hombros, desoladamente sem lagrimas, n'uma agonia lenta.

Mas um chaceiro da vizinhança, que chegava n'esse momento, contou que, ao sahir de casa, vira um menino louro a brincar com uma canoa na praia...

Instintivamente os olhares voltaram-se para o mar. E vieram ao longe, lá-baixo, sobre a irrequieta face das vagas, um pequenino ponto negro, boiando, boiando sempre, como se fugisse, criminoso, para as longínquas paragens onde os curvos vagalhões do oceano escabujam com a assustadiña alegria da espumarada branca. Correu, então, por todos um *frisson* de terror. Orminda, que subitamente estacou a olhar para o vazio barquinho, tão feita na sua fuga, na suave oscilação das ondas, de um relance tudo comprehendeu. Abriu os olhos como louca, e, n'um estertor de agonía, arrancou do peito, bem do fundo de todo o seu ser, um grito, fremente, agudo:

— Meu filhº! Meu filhº!

Dois annos depois, tendo contrahido segundas nupcias em Minas, veio para o Rio de Janeiro tratar-se de um pequeno incommodo de saúde. Tinham-lhe recomendado boa alimentação e passeios, passeios, longos, bons sitios, ar puro...

Orminda vivia agora para o seu Leopoldo em cujo coração encontrava um devotamento sem limites. Todas as tardes, às quatro horas, sahiam a passeio e iam-se, lado a lado, braço sobre braço, muito lizes, unidos por uma afseção mutua de enamorados. N'uma turde, casualmente encaminhou-a-se para a praia do Flamengo. Quando ella reconheceu a logar onde se achavam, veiu-lhe um irresistivel desejo de correr toda a praia, de ver a sua antiga casinha de altas paredes brancas, o ninho de todos os seus sofrimentos.

Eram cinco horas, precisamente a hora em que, havia cinco annos, saíra de casa, afflita à procura do filho. Derramava-se, por tudo, uma grande paz dormente. Do concavo ceu, alto, lá em cima, pallido e sem nuvens, atarde dесcia, das vagas. No fundo, a linha irregular e baixa das montanhas tinha um tom violeta, secco e esfumado, de *pastel*. Alvejava, longe, a branura de pequeninas casas, semeadas pelos tufoes da vegetação e uma esguia tiria de torre dominava a casaria toda.

Orminda reconstruia, mentalmente, as scenas tristissimas d'aquele tempo, mas essas vinham como as saudades vencidas, apagadas, quasi sem cor, imagens transparentes em claridade tibia. No entanto fôra ali que ella passara os dias mais infelizes da sua existência.

Ainda via a casa em que morou, mas com outro aspecto. Tinham lhe feito uma platibanda com dois jardins lateraes, e ornamentado as janelas. No jardim arrancaram algumas arvores: faltava a figueira brava, velha, de grande copa olorosa; uma amendoeira bonita, alta: e o bambu, junto ao muro, estava secando. Construiram mais casas novas...

Leopoldo convidou-a para sentar-se à beira-mar. Foi. Aquillo fazia bem á alma, chegava-lhe como, um echo de musica dulcissima que



PARIS NO VERÃO. — À NOITE NOS CAFÉS CONCERTOS DOS CAMPOS ELÍSEUS.



OS MESES ILLUSTRADOS — SETEMBRO.

*Composição do Habert-Dys.*

se ouvia, ha muitos annos, no esconder de um tempo feliz. E muito alegria olhava o mar. Vinham as ondas à praia, uma, depois outra, e outra depois e mais outra. Soava um lamento quando elas chegavam... e estendiam-se sobre a areia, depressa, esfarrapando-se nas pedras soltas, espargindo flocos de neve. Ah! era o mar que lhe falava, agora, tão choroso; ele, o mar, elle que lhe robaria o filho!

Estendeu a vista sobre a grande superfície das águas para descobrir um peixe negro, lá-baixo, boiando, boiando sempre que a memória trazia-lhe a essa dolorosa lembrança. Que dói, Jesus! essa, a de ter perdido o seu Edmundo. K nunca mais vira o seu corpãozinho. Encontraram-no, dias após o desastre. Mas ouviu dizer que estava desfigurado; os peixes comeram-lhe as faces, devoraram a sua boquinha, deixaram-no horroroso de ver-se.

Kila fugiu, ento de ir vel-o, assim (is) feio o seu belo filhinho; não quis conservar o retrato d'aquele anjinho que devia aterrorizar. Era isso que mais lhe mordia o coração. Quantas das outras mais morrem os filhos, vão elas, assuntas dedicações, enfatizar-lhes de flores os pequenitos caixões, e beijam-os, e os abraçam, na despedida eterna.

Ela, porém, não teve ao menos esta consolação, mesquinhão embora, mas tranquilizadora. Como se recordava d'elle, nesse momento! Era um tagarela, traquinias, súlio. A hora da escola fazia manhas, uma dórsintha de cabeca, ou o pé que estava doido, ou o dente que o atormentava.

De vez em dia, à tarde, já não parecia o mesmo. Beijava-a nas faces, cantava lamentos engraxatilhos, histórias dos collégios, mil criancas alegres como o gazonzil da passarela que se recolhe. El bonito. Um menino lindo, com o seu tipo de ingloz, a pele fresca, o cabello de um louro esbranquiçado, sedoso, macio à mão. Em criança tinha o cabello tão claro, que parecia prata.

O papá, aquelle bom e delicado Modley, passava-lhe a mão sobre a cabecinha, e ria: « é nascido honesto e já está velho! »

la descedente, lentamente, inconscientemente, pelo pendor da sensibilidade. Todo o passado surgiu-lhe, saudoso, com uma vela que passa ao longe, na imensa monotonia azul doceceano. O filhinho trouxe-lhe a recordação do primeiro espoço, da existencia serena que fruiu em sua companhia, das suas primeiras alegrias de noivo.

Leopoldo fiove?

— Estás triste, Orminda.

— Não, murmurou ella, desculpada, sem voltar o rosto.

Mas o marido sentiu a alfinetada do ciúme. Ele pensava, talvez, no filho e essa criança, que nunca viria, mas de quem teve notícias acordaria na sua cabecinha recordações do primeiro, d'aquele que a possuía virgin amada, em pleno vigor da mocidade.

Durante minutos olhou-o, calado, observador. Era sedutora assim, com o olhar contemplativo e triste, perdida nas vagas, a boca meio-aberta, respirando compassada e lentamente. Estava chic: um chapéu de palha, de aba larga e curva à frente do rosto, o cabello negro enrodilhado, com uma unica trança, e um vestido leve, de voile crème com pequeninas rosas secas. Vexou-se de julgar-a capaz de pensar no outro, no primo, n'aquele que tinha beijado seus labios nunca beijados, que idolatrara, talvez, vendo a sua beleza de mega resplandecer pura sob a gaze alvíssima do noivado, perfumada pelas flores de jaranjeira. Não. Orminda não pensava n'elle. Aquella tristeza, que transparecia nos seus olhos, era a de lembrança de seu filho. Ela foi má, e quem podiam exigir que apagasse da memoria a imagem sagrada de um filho morto? Ah! mas o filho era ainda uma parte do primeiro amor, o sangue do outro. Elle a queria, só, só, sem vínculos que a

prendessem a outras existencias, por mais puras que fossem.

Orminda voltou-se para Leopoldo; reparou que o seu olhar a devorava. Tinha-o bem de frenta, e aqueles olhos negros, aquellas labios sanguinoses cobertos pela espessura de um bello bigode, fixaram-na esquecer tudo.

Foi como o desmoronamento de um castelo de cartas o que se passou na sua alma. E, com o carinhoso olhar de palpebras cerradas, os labios difatulados de leve, deixando reluzir lá dentro, no vivo queite da carne, os dentes compridos e centos como escupitilhos pingos de stearin, disse-lhe:

— Vamo-nos, amor?

Gonzaga Duque Estrada.



## A REVISTA DAS REVISTAS

### Um banquete debaixo d'água.

Os trabalhos de aprofundamento do porto de Círcer acabam de se concluir. Por este motivo, o director da empreita, M. Robert, ofereceu à imprensa e ao pessoal de vigilância um almoço muito original.

A mesa havia sido collocada a oito metros abaixo do nível do mar, mesmo no fundo do porto, no interior da causa dentro da qual se situavam os operarios, e os estreitos parés d'esta causa que separam os convidados da enorme massa d'água que se estendia por cima e em torno d'elles.

Lista saiu de jantar dum novo gênero: foi magnificamente iluminado e ornamental; e sem o ligeiro zumbido causado pela pressão mancada na caixa para impedir a invasão da agua, os convidados numia duvidadim que a menor paragem no funcionamento das bombas d'ar bastaria para que se afogassem todos n'um instante.

Depois do banquete, houve concerto que prolongou a festa pela tarde adiante. Só tarda é que os convidados voltaram ao ar livre.

### Conservação da manteiga fresca.

A julgar pelo que nos diz a Revue industrielle, o ácido carbonico acaba de resolver o difícil problema da conservação da manteiga fresca, sem lhe modificar, nem o gozo, nem as qualidades.

A montaria, collocava-n'um recipiente de ferro no qual comprimiam ácido carbonico a pressão de 6 atmospheres, podendo conservar-se intacta durante cinco semanas.

Por que só comprehenderia facilmente o partido que se pode tirar d'uma tal descoberta.

### Uma serpente bicephala.

No parque de Windsor proximo de Londres, um soldado de guarda encontrou uma serpente com duas cabeças.

Era uma vibom da especie commum, as duas cabeças muito bem formadas, a da esquerda menos larga e menos vigorosa que a outra, que parece ser a cabeça normal. O fociño da esquerda parecia activo e pouco visivel, o da direita dividido por uma prega firme.

O medico do regimento, que pagou ao soldado pelo animal io shelling, escrevou acorço d'isto uma carta em que diz que as serpentes bicephalus não são raras, mas não vivem muito tempo: esta tinha morrido havia pouco, e parecia ter vivido apenas treze semanas.

### A PASTA DENTIFRICA DE BOTOT

VENDE: XIX. TODAS AS PRIMAS DABAR  
E EM SEU DEPOSITO GERAL DE LA

UNICA VERDADEIRA AGUA DE BOTOT  
PARIS - 17, Rue de la Paix, 17 - PARIS

### Novo tricicle aquático.

O Scientific American descreve um novo sistema de tricicle aquático bastante curioso.

Este apparelho consiste numa plataforma fixa sobre tres rodas de palhetas, duas atas sobre um mesmo plano, e a terceira na parte anterior. D'esta plataforma que serve ao mesmo tempo de base, partem tres montantes em ferro que suportam uma outra plataforma situada a alguma altura por cima da primeira, e sobre a qual está instalada uma pequena máquina a vapor tendo a força dalguns cavallos. O movimento dessa máquina é transmitido a um eixo vertical que governa um eixo horizontal fixado sobre a plataforma inferior. D'este eixo partem umas cadeas que são pregas as rodas de palhetas. Os viajantes, que podem ser no numero de tres ou quatro, conservam-se sobre a plataforma superior. Um leme especial permite operar sobre a roda de diante e de a dirigir à vontade.

### Os tramways eléctricos.

No ultimo sessão da Sociedade International dos eléctricos, o sr. Abram-k-Abakanowicz falou do desenvolvimento dos tramways eléctricos nos Estados Unidos.

Nos tres ultimos annos, cento e oitenta cidades adoptaram este sistema de locomoção. O comprimento total dos caminhos de ferro eléctricos é actualmente de 30000 kilometros aproximadamente, e utilizam-se pert. de 3000 cavallos para este gênero de tracção.

O numero de viajantes transportados no ultimo anno pelos tramways eléctricos elevava-se a 200 milhões. E no corrente d'este anno duplicou-se a extensão dos caminhos eléctricos.

### Emigração e colonização.

Folheando as recentes estatísticas, vê-se que o contingente anual que as diferentes partes de Europa fornecem à emigração do velho mundo é na seguinte proporção:

Da Inglaterra emigram todos os annos 170.000 individuos; Alemanha, 87.000; Suissa, 8.000; Austria-Hungria, 46.000; Noruega, 21.000; Suécia, 5.100; Dinamarca, 9.600; França, 23.000; Portugal, 13.000; Mesopotâmia, 71.000; Itália, 207.000. Total dos emigrantes europeus: 700.000.

Pode-se pois dizer que nos últimos annos, cerca de 700.000 pessoas por anno tem deixado a Europa para irem procura fortuna nos países novos. As regiões meridionais de Europa enviam de preferencia os seus emigrantes para a America do Sul, e as regiões septentrionais contribuem sobretudo para o aumento da população dos Estados Unidos, do Canadá e da Australasia.

Neste momento, porém, produz-se um certo abaloamento na emigração europeia. Na Inglaterra durante o periodo de 1876-1880 a emigração foi de 434.000 pessoas, ou sejam 87.000 por anno; no periodo de 1884-85, emigraram 94.000, ou seja 18.700 por anno; em 1886-1888 emigraram 68.000 ou sejam 17.000 por anno. Na Alemanha, nos cincos annos de 81-85 a media annual havia sido de 163.000.

### Massa de Winchell.

M. Alexandre Winchell inventou um betume excelente, e onde nós achamos a composição no English Mechanic.

Tomam-se 4 partes de gomma arabica, 3 de amido de pão e 1 do assucar branco. Pulveriza-se a gomma arabica e desfaç-se numha quantidade de agua bastante para dissolver o amido e o assucar na agua gommatina assim obtida. Faz-se cozer esta solução n'um vaso conservando-a em agua a fervor ate que o amido se torne limpidio. O betume está então expesso como o aclarado e conservando esta mesma consistencia. Para o perseverar do bolor colloca-se em gomma camphorada, ou então ajunta-se-lhe um pequeno quantitudo de oleo de sassafras.

**SUSPENSORIOS MILLERET**, clássicos e sem passadeira. Le Goride, 13, r. Etienne-Marcel, Paris.

# GUERLAIN DE PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

*Mudanca de Domicilio*

## PERFUMARIA-ORIZA

L. LEGRAND, de PARIZ  
11, Place de la Madelaine, (antes 207, Rue St-Honoré) PARIZ

**PRODUCTOS RECOMMENDADOS**

FRAGNÊTE ORIZA-FACIO	ORIZALINHA, União instantânea.
CRÈME-ORIZA	EST-ORIZA, de todos os perfumes.
ORIZA-LACTEO	ORIZA-JAT, soro de tonificador.
ORIZA-OLEO	ORIZA-POWDER, po do arroz.
ORIZA-TONICA	ORIZA-VELOUTE.

*Ultima Novidade*  
Produtos especiais De VIOLETTA do CEAR

ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, debaixo da forma de Líquido e Pastilhas de 12 Cheiros.  
A varejo em todos os Cabelleireiros e casas de Perfumaria.

CAUTELA COM AS CONTRAFACCIONES

**CALLIFLORE**

Flor de Bellona  
POS ADHÉRENTES & INVÍTERIA

Grana-se novo mundo porque se empregam extra  
nos communium coroato uma maravilhosa e delicada  
belota e deixam um perfume de exquisito encantamento.  
Além dos brancos, de notável pureza, há outros de  
quatro matizes diferentes, Rosado e Rosa, dourado e  
marrom, podendo até em um só colorido. Puderá votar cada  
pessoa escolher a que mais lhe convenha no resto.

**AGNEL**, Fabricante de Perfumes, em PARIS  
FÁBRICA & EXPEDIÇÃO  
16, AVENUE DE L'OPERA

As suas Seta Cegas de perfume por método das báboas mais ricos de Paris.  
LISBOA. — MM. V<sup>e</sup> de CARTAGO José da Costa e F<sup>s</sup>, rua Nova do Carmo, 68 e 70.

**FERRO QUEVENNE**

União aprovado pela Academia  
de Medicina de Paris.  
Cura: Anemia, Febrexa do Sangue, Fendas, Dorcs, Dorcs do Estomago, — 50 anos de sucesso.  
Exigir um cada frasco de Ferro Quevenne e o seu da "UNION DES FABRICANTES", 16, r. Beaux-Arts, Paris.

**ASTHMA E CATARRHO**  
Curados com os **CIGARROS ESPIC**

Em FRANÇA  
Soproscos, Tabaco, Comestíveis, Novarégua  
Na total da Pharamacie de Portugal e de Brasil. — PARIS, Venda por grossos  
A ESPIC, Rua St-Lazaro, 20. Envie este anúncio para a sua Cigarra.

### Alimento-Crianças

Para recomendar a frequência das crianças, desenvolver  
os seus foros e preservar os das doenças das idade  
infantil, os principais Móedicos de Paris, membros  
da Academia de Medicina de Paris, recomendam com  
ótimo éxito o verdadeiro

Bacalhau dos Arábicos de Dofangranier, de Paris.  
Este agrada ao alimento, composto com substâncias  
vegetais nutritivas e fortes condimentos, é na econo-  
mia útil, e, pelas suas propriedades analépticas,  
melhora a composição do leite das sehoras que amamentam, e acorda as forças languidão do estomago.  
R. de Trivais, Paris. Recomendam nas Farmacias as suas embalagens.



Indispensável para curar  
caso de ressaca, diarreias, etc.  
Todas as báboas, os resultados  
seguramente absolutos.  
GRANDE SUCESSO!

**"L'INCOMPARABLE" LAMPADA DE ALGIBEIRA**  
MARTAIN, 18, Rue d'Enghien, PARIS

**DIGESTÕES OFÍCIAIS**  
DOENÇAS do ESTOMAGO

GASTRALGIA  
ANEMIA  
Vomitos  
Diarréa  
chronica

**ELIXIR GREZ**

TÓNICO - DIGESTIVO com QUINA, COCOA e PEPSINA  
ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra  
PARIS — GREZ, 7<sup>e</sup>, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacias

**BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE**  
dysenteria, diarréa, gastralgias, úcides.

### O SORRISO NOS LABIOS !...

Hem o sabes — encantadoras meninas e elegantes senhoras, sempre desejosas de parecer bellas — que não ha neste mundo o gracioso sem que o sorriso empregue na physionomia a sua divina irradiiação.

Mas, para que a vossa delicada boca possa ter esse dom precioso do sorriso, é necessário que, sobre os vossos labios entreabertos, se mostre o delicado esmalte de Lindos dentes e que, na franqueza da gargalhada, Lindos dentinhos apparejam leitosos e brilhantes, como duas filas de linhas perulais, no fresco couro de gangiva solidas e cõr de rosa...

Logo, não deve haver sorriso sem esta condição... e assim que se explique a voga extraordinária e a universal celebridade do maravilhoso *Elixir Dentifício* de RR. PP. Benedictinos da Abadia de Soulae o único capaz, como a experiência o prova, em séculos, de conservar para sempre a facultade do sorriso que é a vossa maior força de sedução...

Agente geral: A. Seguin, Bondeux.

Preço da venda em França, Elixir  
2, 4, 6, 12 e 20 fr.

Preço da venda em França, Pós: 1, 2  
e 3 fr.

Preço da venda em França, Pote  
1, 25 e 2 fr.

Encontra-se em todos os Perfumistas, Cabelleireiros, Pharmacêuticos, Droguistas, Retrozeiros, etc.



### OLEO DE HOGG

de FIGADO FRESCO de BACALHAU

NATURAL & MEDICINAL

Recorrido desde 40 ANOS, em  
França, Inglaterra, Espanha, Portugal,  
Brasil, Repúblicas Iberinas.  
A primeira, pelos primeiros me-  
dicos do mundo, contra as Mol-  
éstias do Paito, Tossa, Crianças  
franzinhas, Tumores, Irritações  
da Pele, Pessadas fracas, Flôres-  
brancas, etc. O Oleo de Bacalhau  
de Hogg é o mais rico em prin-  
cípios actives.

Vendido também em frascos TRIMULARES.  
Enviase sempre a Etiquetas a Setor assul  
do Estado Francês.

Onze Proprietário: 1001,1, rue Lutetia, PARIS  
E EM TODAS AS PHARMACIAS

### ORGOS D'ALEXANDRE

Poss. de Ville  
106, rue Richelieu  
PARIS

MEDAILHA D'HONRA

1880

MEDAILHA D'OURO

1880

Nova Medalha

ORGOS HARMONIUMS

Entre 100 FRANCS (1 LIBRA)

ATE 500 FRANCS (20 LIBRAS)

EXPEDE-NETRANO A QUEM D'PEDIR

Catalogo Ilustrado



**ORGOS**

EST. ARTILHOS  
LÉOTY  
aceptados pelo  
high-life  
parisiense.  
P. P. de la Madeleine  
PARIS

Em todos os Perfumistas e Cabelleireiros  
de França e do Extrangeiro

**A VELOUTINE**  
76 d'Arros  
especial  
PREPARADO COM BEMUTHO.  
Por CH<sup>as</sup> FAY, Perfumista  
8, rue de la Paix, PARIS

**GRAOS** de BROMHYDRATO de QUININA BOILLE  
febre, enxaquecas, Gota. — 14, r. BEAUX-ARTS, PARIS, e Paris.

O botume é muito resistente; gruda perfeitamente as superfícies polidas, a porcelana, as pedras quebradas, os minerais, etc.

#### Os primeiros guarda-raios em França.

O primeiro guarda-raio em França foi instalado em Bagatelle, graças à intervenção expressa de Luís XVI, que estava apaixonado de admiração pelos trabalhos de Franklin. Isto passava-se perto de 1780. Em 1874, colocou-se um guarda-raio no Louvre, par cima da sala de reuniões da Academia de ciências, por ordem do rei.

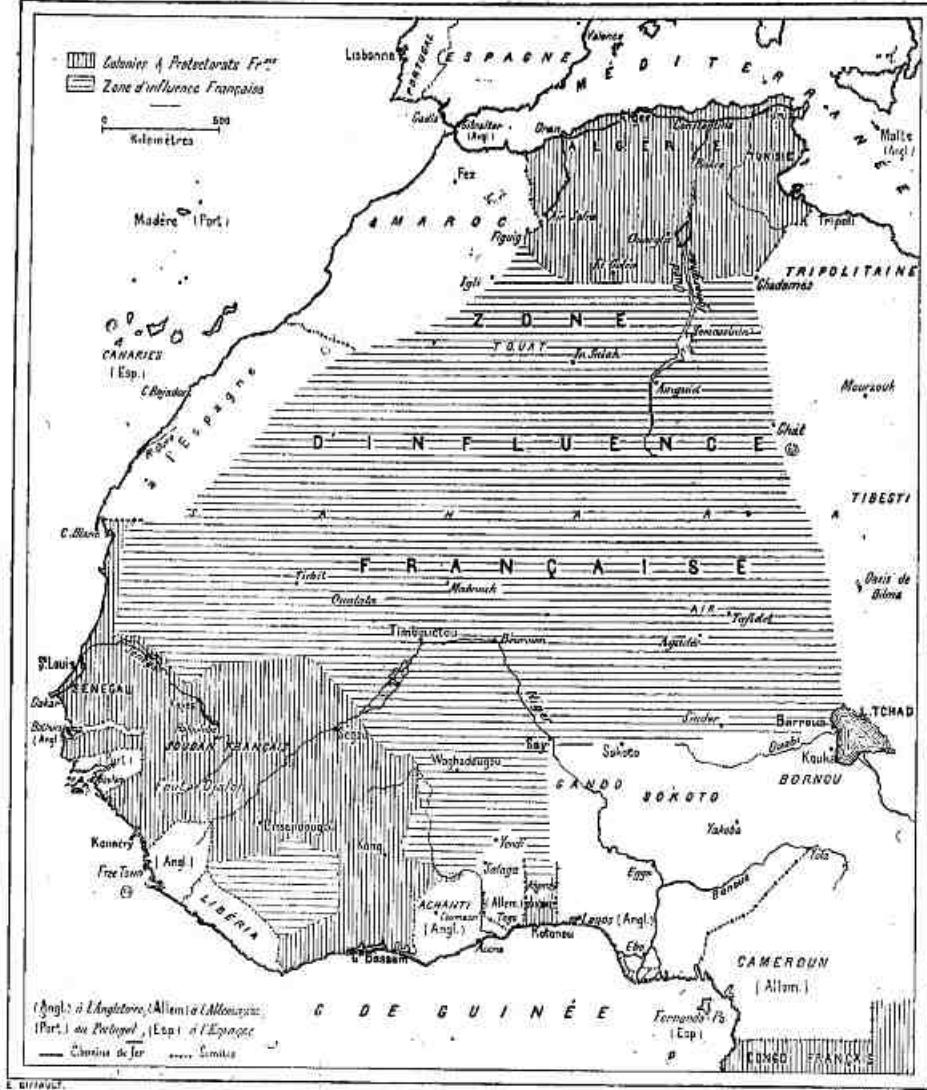
#### Emprego das correntes eléctricas.

Com o fim de aumentar a aderência das rodas das locomotivas e obter um resultado superior ao que dão o emprego da areia, M. Rees, de Baltimore, imaginou fazer circular uma corrente eléctrica entre as rodas motoras da frente e da rectaguarda e a parte intermediária da via.

Fizeram-se experiências com comboys formados de 45 a 48 wagons, sobre uma secção da linha de Philadelphia-Roading, secção inclinada de 25 por 1000 e longa de 13 kilómetros.

Se o emprego da corrente eléctrica, os comboys avançando difficilmente e com numerosas paragens, chegaram a gastar 53 minutos para percorrerem a distância inteira. Com a ajuda da corrente, a subida fez-se facilmente sem nenhuma paragem, num tempo que nunca excedeu 30 minutos; além d'isto, verificou-se uma menor despesa de combustível, consequência natural do trabalho mais regular da máquina.

A corrente, fornecida por uma dynamo montada sobre a locomotiva, tinha uma tensão limitada para não oferecer nenhum perigo, e o machinista podia regular à vontade o efeito sobre a aderência das rodas.



QUESTÕES AFRICANAS. — OS NOVOS LIMITES DAS POSSESSÕES PRÍNCIPESAS NO OESTE AFRICANO.

#### LA SCIENCE AMUSANTE

Par TOM-TIT

115 Gravuras sobre madeira, 100 Experiências e Recreções científicas que podem facilmente ser reproduzidas em família, sem apparelhos, por meio de objectos que qualquer tem à mão.

Um bello volume in-8º com cerca de 300 páginas.

Preço : brochado..... 3 fr.

Encadernado, com as folhas jaspeadas..... 4 fr.

Encadernado, com as folhas douradas..... 4 f. 50

Livraria LAROUSSE, 15, 17 e 19, rue Montparnasse, Paris e em todas as livrarias.



#### ARITHMOGRAPHO TRONCET

Calculador mecanico instantâneo com instrução permitindo operar seguramente depois de uma hora ou duas de exercício. Muito útil para tomar notas, efectuar ou verificar cálculos.

Para as 4 operações ate 10 milhões elegante apparelho-cárdemeta com capa em tela e titulo em ouro..... 4 fr.

O mesmo apparelho unicamente para adição e subtração..... 2 f. 50

Occupando lugar n'uma biblioteca de mais de 1000 volumes. — 17 grossos volumes grande-in-4º entregados imediatamente. — 24.400 páginas. — 3.000 gravuras.

Preço brochado : 650 francos; encadernado, 750 francos.

O 2.º SUPLEMENTO do Grande Dicionário universal (tomo 17), acaba de aparecer. É o melhor de todos os Dicionários e de todos os encyclopédicos.

Um grosso volume de 2.040 páginas (2.500 artigos d'actualidade). Brochado, 55 francos; encadernado, 60 francos.

# LA CHARMERESSE

Pó refrigerante, o mais puro ultraído das pós do bálsamo. A composição absolutamente nova no ponto de vista da higiene, é em súbra, adocicado e a sua perfumaria fazem recomendar o seu uso para pessoas difíceis. Refresca a pele, dissipando a ruga, dá ao rosto brancura pallida, agradável e desvanece os canincas e os desaparece como por encanto todas as imperfeições (vermes, almas, vermeilhas, etc.) Pode ser usado da maneira mais suave e suave. — Engrássio: GODFROT, Rue Garret, 61; MELLARD, Rue Garret, 78; EAU-AU-GRAS, Rue de la Paix, 10; VITRÉ, Rue de la Paix, 10; DÉTACHANT, Rue de la Paix, 10; LEVANT, Rue de la Paix, 10; ETC.

Le Gérant : P. MOUILLOT.

PARIS — IMPRENSA DE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.